

Clara dos Anjos





LIMA BARRETO

Clara dos Anjos

TEXTO INTEGRAL

Cotejado com a primeira edição:
Rio de Janeiro: Mérito, 1948.

Apresentação de

Guaraciaba Micheletti

A ortografia deste texto encontra-se atualizada com o sistema ortográfico vigente, que foi estabelecido pelo decreto nº 6.586, de 2008. Os erros tipográficos evidentes foram corrigidos.

Clara dos Anjos

gerente editorial Claudia Morales
editor Fabricio Waltrick
editora-assistente Fabiane Zorn
diagramadora Thatiana Kalas
coordenadora de revisão Ivany Picasso Batista
revisoras Bárbara Borges e Flávia Yacubian
projeto gráfico Fabricio Waltrick e Luiz Henrique Dominguez
imagem da capa Luz na escuridão, 2008, obra de Highraff
coordenadora de arte Soraia Scarpa
editoração eletrônica Ludo Design
tratamento de imagem Cesar Wolf e Fernanda Crevin
pesquisa iconográfica Silvio Kligin (coord.)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B26c
14.ed.

Barreto, Lima, 1881-1922
Clara dos Anjos / Lima Barreto. - 14.ed. - São Paulo : Ática, 2011.
176p. - (Bom Livro)

Inclui apêndice
ISBN 978-85-08-15023-6

1. Ficção brasileira. I. Título. II. Série.

11-3848.

CDD: 869.93
CDU: 821.134.3(81)-3

ISBN 978 85 08 15023-6 (aluno)

CL: 736800
CAE: 265426

2019
14ª edição
9ª impressão
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A., 1999
Avenida das Nações Unidas, 7221 – CEP 05425-902 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061
atendimento@aticascipione.com.br | www.coletivoeditor.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Sumário

Contra o racismo e a injustiça 7

I 17

II 28

III 42

IV 51

V 60

VI 70

VII 80

VIII 98

IX 115

X 129

XI 137

Vida & obra 147

Resumo biográfico 171

Obras do autor 173

Obra da capa 175

Guaraciaba Micheletti

Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP), onde também lecionou, até se aposentar. Atualmente, é orientadora do Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa na USP e professora titular do curso de Pós-graduação em Linguística da Universidade Cruzeiro do Sul.

A sociedade brasileira experimentava, desde o final do século XIX, profundas alterações em sua organização política, econômica e social, ocasionadas principalmente pela libertação dos escravos, pela chegada dos imigrantes que vieram substituí-los nas lavouras e pelo advento da República.

Essas e outras transformações se refletem de forma variada na produção dos escritores no período que antecede o movimento renovador da Semana da Arte Moderna, de 1922.

Na prosa pré-modernista coexistem traços conservadores e inovadores. Por um lado, persiste o modelo realista dos últimos decênios do século anterior, já desgastado, uma vez que predominam, como assinala Alfredo Bosi, textos de “um sertanismo de fachada, de lugares-comuns herdados à divulgação de Darwin e de Spencer, resíduos da dicção naturalista de cambulhada com clichês de romance psicológico”¹. Por outro lado, nasce um interesse em relação a problemas da sociedade brasileira, e alguns prosadores, dentre eles Graça Aranha, Simões Lopes Neto, Euclides da Cunha e Lima Barreto, abordam os contrastes sociais e ideológicos, as condições de vida do negro, recém-saído da escravidão, e do mulato, o choque cultural da presença do imigrante, os desníveis sociais na própria cidade.

A linguagem da prosa de ficção oscila entre a rigidez parnasiana, oficialmente consagrada pela Academia (Euclides da Cunha, Graça Aranha, Coelho Neto), e uma forma mais livre, coloquial, que recusa os padrões acadêmicos. Escritores como Monteiro Lobato, Simões Lopes Neto e Lima Barreto, além de se fixarem em questões da realidade nacional, preocupam-se com um “arejamento” linguístico: trazem, para a literatura, a lin-

* Esta apresentação antecipa partes importantes do enredo. (N.E.)

1 BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1975. p. 220. (N.A.)

guagem oral e regional, o “português brasileiro”, abandonando as formas lusitanas que os parnasianos cultivavam.

É numa linguagem coloquial, com modismos cariocas, muito criticada por seus contemporâneos, que Lima Barreto transpõe para suas narrativas problemas que afligem o povo do Rio de Janeiro, mais especificamente uma significativa parcela da população, composta por pequenos funcionários públicos e pela “arraia-miúda” em geral.



Sempre que se estuda a obra de Lima Barreto, esbarra-se na influência que a vida do autor teria exercido na elaboração de sua obra.

Sem dúvida, suas narrativas originam-se de traços biográficos, pois frequentemente surpreendem-se semelhanças entre a vida do autor e muitos de seus personagens, além da incessante denúncia do preconceito racial de que são vítimas os mulatos. Nas palavras de Sérgio Buarque de Holanda, a sua obra “é, em grande parte, uma confissão de amarguras íntimas, de ressentimentos, de malogros pessoais”².

Um dos romances que mais evidenciam esse caráter autobiográfico é *Recordações do escrívão Isaiás Caminha*, no qual o narrador-personagem, um mulato, comenta com grande dose de amargura as situações de que participa e como sua cor interfere desfavoravelmente.

Ao lado desse traço confessional, sobressai, entretanto, a crônica da cidade do Rio de Janeiro: um vasto painel, pintado com tintas fortes, sem meios-tons, por onde circulam políticos, jornalistas, funcionários públicos e toda a sorte de pessoas. Lima Barreto percorre os subúrbios cariocas, entra pelas vielas, esquadrinha as casas humildes, esmiúça o cotidiano das pessoas, desnudando as suas fraquezas. Assim, consegue compor para os leitores o quadro de uma sociedade doente, de um governo e de uma lei inoperantes, invariavelmente a serviço dos poderosos.

Mesmo em *Clara dos Anjos*, um romance que, por seu tema, destaca o caráter confessional, comparece o cronista que anota os aspectos mais triviais de sua cidade.

2 HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Em torno de Lima Barreto.” In: _____. *Cobra de vidro*. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 132. (N.A.)

A temática obsessiva do preconceito racial se revela na persistência do autor. *Clara dos Anjos*, uma história de sedução que retrata a pobreza e o preconceito racial, foi esboçada em 1904 e concluída somente em janeiro de 1922, poucos meses antes da morte de seu criador.

Empregando a técnica dos autores realistas, o narrador coloca-nos em contato com os protagonistas e demais envolvidos no drama por descrições parciais e minuciosas, numa espécie de acúmulo de pequenas informações. Descreve com prodigalidade as relações que se estabelecem entre os personagens para insistir em traços de caráter que pretende fixar para o leitor. Usa, também, o lugar em que moram, trabalham ou se divertem para definir a posição social e construir o perfil psicológico dos personagens.

Observando a apresentação de Cassi, percebe-se a técnica a que nos referimos. O narrador inicia caracterizando Cassi como “um rapaz de pouco menos de 30 anos, branco, sardento, insignificante, de rosto e de corpo” para, mais além, defini-lo como “incapaz de um trabalho continuado”, embora cuidasse com grande desvelo dos galos de briga dos quais lhe provinham os meios de subsistência. Atividade pela qual o narrador demonstra o seu desprezo (extensivo a Cassi), pois o galo de briga é o “bicho mais hediondo, mais antipático, mais repugnantemente feroz que é dado a olhos humanos ver”.

A corte de amigos de Cassi compõe-se de tipos que em tudo lhe são semelhantes: Ataliba Timbó abandona o emprego e a mãe para “imitar o mestre”; Zezé Mateus, “cabeça de mamão-macho”, um pobre bêbado; Franco Sousa, um malandro que, se intitulando advogado, “recebia adiantamentos e não fazia nada”; e, por fim, Arnaldo, “cuja profissão consistia em furtar” objetos e embrulhos de pessoas que, no trem, cochilassem ou estivessem distraídas.

Cassi se locomove à vontade nos ambientes suburbanos, onde não teme as pessoas que, por serem desprotegidas, ficam à sua mercê; já quando se desloca e vai ao centro da cidade, sente-se inseguro por sair dos seus domínios. A sua morada — o porão da casa de seus familiares — demonstra a sua exclusão do convívio doméstico.

Monotonamente, todos os demais personagens se constroem a partir do mesmo molde: traços físicos e psicológicos, as relações pessoais e locais de habitação, trabalho ou lazer.

Os personagens masculinos de má índole gravitam em torno de Cassi; os outros, que, às vezes, lhe servem de degraus, como Lafões ou Menezes, são prisioneiros de uma fatalidade social. Como o são Marramaque,

Leonardo Flores e o próprio Joaquim dos Anjos, pai de Clara, que sofrem por serem pobres e, os dois últimos, além de pobres, mulatos.

Aos homens da condição social de que trata Lima Barreto não lhes é dado viver condignamente, por mais que busquem fazê-lo: as pressões econômicas tornam Meneses intermediário entre Cassi e Clara; Marra-que, que se opõe obstinadamente aos desígnios de Cassi, sucumbe assassinado; Leonardo Flores, corroído pela bebida, manifesta poucos momentos de lucidez; e Joaquim dos Anjos, bondoso e honesto, tem sua filha seduzida e abandonada.

Em Lima Barreto, o mesmo determinismo social que torna os homens impotentes confere às mulheres fragilidade e ausência de vontade própria: “Clara era uma natureza amorfa, pastosa, que precisava mãos fortes que a modelassem e fixassem. Seus pais não seriam capazes disso [...] A filha do carteiro, sem ser leviana, era, entretanto, de um poder reduzido de pensar, que não lhe permitia meditar um instante sobre o seu destino [...]”. A mãe de Clara, “fosse a educação mimosa que recebera, fosse uma fatalidade de sua compleição individual, o certo é que, a não ser para os serviços domésticos, [...] evitava todo o esforço de qualquer natureza”.

O único personagem feminino que escapa ao estereótipo de “coisa amorfa e pastosa” nesse romance é Dona Margarida, uma forte e voluntariosa senhora alemã, de olhos azuis e “traços enérgicos”. Dona Margarida mostra-se atuante em todas as circunstâncias em que é solicitada, chegando a assumir o papel que caberia à mãe de Clara, quando procura a família de Cassi para solucionar o problema da sedução. Vale lembrar que essa mulher enérgica nasceu em “outros climas” e não perdeu “nada da tenacidade, do *esprit de suite*³, da decidida coragem da sua origem”.

Lima Barreto revela-se um crítico mordaz em todos os níveis de sua narrativa. Ao conceber e dar à luz a mulatinha despreparada para a vida, símbolo do “drama de muitas gerações de mulheres de seu meio e cor”, como salientou Lúcia Miguel-Pereira⁴, chama-lhe Clara dos Anjos, nome que, dadas as circunstâncias — sua cor e sua atitude quanto a Cassi —, torna-se altamente irônico. Dessa ironia não lhe escapa Leonardo Flores, o poeta mulato que, bêbado, amarga as agruras da vida, não transigindo em relação à sua arte e que acaba como uma espécie de louco manso.

3 Cf. nota 99. (N.E.)

4 MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. “Lima Barreto.” In: _____. *Prosa de ficção* (de 1870 a 1920). Rio de Janeiro: José Olympio, 1950. p. 312. (N.A.)

Leonardo Flores é um personagem dispensável à trama da sedução, mas, na medida em que o texto a extrapola e forma uma vasta galeria de tipos marginalizados, ele se integra perfeitamente a esse universo narrativo.

O poeta mulato que fala de sua arte, de seu nome que “correu todo este Brasil ingrato e mesquinho”, parece mesmo ser uma espécie de projeção de seu criador que, através dele, procede a uma autoavaliação de sua vida. Essa similaridade aflora no confronto da biografia de Leonardo Flores e a de seu criador: ambos — escritores pobres, mulatos, amantes da bebida, ridicularizados, incompreendidos e desprezados — exibem traços de loucura.

Muitas vezes, quando lemos um romance, somos tentados a confundir o narrador e o seu autor, como se o autor transferisse ao narrador da história todas as suas ideias e o tornasse sua voz. Parece-nos que, em *Clara dos Anjos*, vários personagens, até mesmo Clara, quando, ao final, conclui “— Nós não somos nada nesta vida”, manifestam a perspectiva do autor, e o narrador, além de emitir suas opiniões, atua como um regente dessas vozes.

Predomina, nessa obra, uma tendência descritivista; é como se o fio narrativo fosse suspenso (veja o capítulo VII) e o narrador, tal como um cinegrafista, passeasse sua câmera pelos subúrbios, mostrando “casas, casinhas, casebres, barracões, choças por toda a parte [...]” e surpreendendo os seus habitantes no seu ramerrão: cenas domésticas, brigas entre vizinhos e mesmo o patético enterro de seus mortos.

Enquanto isso, o narrador, esse observador privilegiado e atento, tece seus comentários, uma crítica direta que se alterna à descrição da paisagem suburbana: “Por esse intrincado labirinto de ruas e bibocas é que vive uma grande parte da população da cidade, a cuja existência o governo fecha os olhos, embora lhe cobre atozes impostos, empregados em obras inúteis e suntuárias, noutros pontos do Rio de Janeiro”.

Essa crítica recobre o tecido narrativo, marcando a frequente intromissão do autor. Lima Barreto, o autor/narrador, revela seu ressentimento com o destino das pessoas humildes — pobres e mulatos —, defende-as através de sua denúncia, pois elas se constituem, na sua concepção, em presas fáceis de uma sociedade injusta e racista.

A linguagem objetiva e despojada — fruto de uma escolha pessoal, em defesa de um estilo e não por descuido como pretendem alguns —, bem como a crítica social representam a contribuição de Lima Barreto ao espírito renovador, ainda meio difuso, nas letras da nossa *belle époque*⁵.

5 *belle époque*: fase de euforia, intensa produção artística e desenvolvimento tecnológico vivida na Europa durante o período imediatamente anterior à Primeira Guerra Mundial (1914-1918). (N.E.)

Torna-se forçoso, entretanto, admitir que *Clara dos Anjos*, por se tratar de uma narrativa compromissada com a ilustração de uma tese — as mulheres mulatas estão condenadas, *a priori*⁶, à desonra —, não pode ser alinhada entre a sua melhor produção.

Nas obras em que supera o seu drama pessoal, Lima Barreto mantém-se na defesa dos humilhados, mas ultrapassa as fronteiras do racismo. Esse momento de força criadora se manifesta, sobretudo, em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, em que, desnudando a ingenuidade nacionalista do Major Quaresma, o autor arma uma crítica mais abrangente. Sem limitar-se à denúncia do preconceito racial como em *Clara dos Anjos* e *Recordações do escrívão Isaiás Caminha*, conduz o leitor a uma reflexão sobre alguns problemas nacionais.

Como afirma Antonio Candido, a literatura transfigura o real através da sua transposição “para o ilusório por meio de uma estilização formal”⁷, e Lima Barreto, nos momentos em que superou suas vicissitudes, atingiu essa transposição.

6 *a priori*: locução latina empregada para designar pressupostos e conclusões a partir de elementos previamente apresentados, confirmando uma ideia antes da experiência que a comprove. (N.E.)

7 CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1975. p. 53. (N.A.)



Clara dos Anjos

À

MEMÓRIA DE MINHA MÃE

Alguns as desposavam [as índias];
outros, quase todos, abusavam da
inocência delas, como ainda hoje
das mestiças, reduzindo-as por
igual a concubinas e escravas.

JOÃO RIBEIRO, *História do Brasil*,
(p. 103, 7ª edição).

I

O carteiro Joaquim dos Anjos não era homem de serestas e serenatas; mas gostava de violão e de modinhas. Ele mesmo tocava flauta, instrumento que já foi muito estimado em outras épocas, não o sendo atualmente como outrora¹. Os velhos do Rio de Janeiro, ainda hoje, se lembram do famoso Calado² e das suas polcas, uma das quais — “Cruzes, minha prima!” — é uma lembrança emocionante para os cariocas que estão a roçar pelos setenta. De uns tempos a esta parte, porém, a flauta caiu de importância, e só um único flautista dos nossos dias conseguiu, por instantes, reabilitar o mavioso instrumento — delícia, que foi, dos nossos pais e avós. Quero falar do Patápio Silva³. Com a morte dele a flauta voltou a ocupar um lugar secundário como instrumento musical, a que os doutores em música, quer executantes, quer os críticos eruditos, não dão nenhuma importância. Voltou a ser novamente plebeu.

Apesar disso, na sua simplicidade de nascimento, origem e condição, Joaquim dos Anjos acreditava-se músico de certa ordem, pois, além de tocar flauta, compunha valsas, tangos e acompanhamentos de modinhas.

Uma polca sua — “Siri sem unha” — e uma valsa — “Mágoas do coração” — tiveram algum sucesso, a ponto de vender ele a propriedade de cada uma, por cinquenta mil-réis, a uma casa de músicas e pianos da rua do Ouvidor.

1 No início do século XX, observava-se na música popular brasileira a gradual substituição da flauta pelo violão, que até então era considerado um instrumento menor por seu prestígio entre as camadas inferiores da sociedade. (N.E.)

2 **Calado**: Trata-se de Joaquim Antônio da Silva Callado Jr. (1848-1880), flautista e compositor carioca — o mais famoso do Segundo Império —, considerado um dos responsáveis pela nacionalização da música popular. (N.E.)

3 **Patápio Silva**: flautista (1881-1907) conhecido que, junto com Callado, foi considerado o precursor de um estilo musical nostálgico e melancólico, denominado *choro*. (N.E.)